

Quanta mentira!

"diário da Noite" 7-I-1963



A velha sede da Fazenda Chapadão, dos tempos em que Campinas era boca do sertão

Fazenda evocativa do esplendor do café

(Texto de BARROS FERREIRA)

Tendo o jornalista visitado, há dias, a Escola Preparatória de Cadetes, em Campinas, atravessou grande extensão da antiga Fazenda Chapadão. Ali foi construída a modelar escola de ensino que pretendem agora extinguir, e existem o quartel do Batalhão de Carros Leves de Combate, "stands" de tiro, quartel do Grupo de Canhões Motorizados. Antigas instalações rurais foram adaptadas para acolher serviços de inteligência. Imensas áreas cultivadas revelam o laborioso aproveitamento do solo pelas Forças Armadas. Aquela vastíssima gleba foi adquirida pelo Ministério da Guerra por cinco milhões de cruzeiros em 1940. Na época tornou-se transação muito comentada pelo vulto. Cinco milhões de cruzeiros representavam, então, considerável quantia. Nesse tempo, um automóvel de luxo era adquirido por cinquenta mil cruzeiros.

UM SIMBOLO

Quando foi feita a venda já a velha fazenda do Chapadão deixara de produzir café. Constituiu, no entanto, um símbolo. Representava uma época. Datava do tempo em que Campinas era considerada boca de sertão. Foi fundada quando o café se espalhou pela chamada zona central do Estado representada por um quadrilátero imperfeito, tendo como extremidades Campinas, Piracaja, Itapetininga e Santana de Parnaíba. Em 1836 a população do quadrilátero não ia além de 103 mil almas. A produção principal era de açúcar, representada por 35 mil arrobas. O café figurava então com 70 mil arrobas somente. Mas já em 1854 Campinas aparece com 335 mil arrobas. Em 1895 atinge o esplendor com a produção de 1.500.000 arrobas. E' o café que paga o prolongamento dos trilhos que a "São Paulo-Railway" não se atreve a estender além Jundiá. Os acionistas ingleses não queriam arriscar maiores capitais, apesar da garantia de juros de sete por cento ao ano a que haviam comprometido os governos do Imperio e da provincia de São Paulo.

Foram os fazendeiros que numa reunião memorável convocada por Saldanha Marinho, presidente da Provincia de São Paulo, decidiram arcar com o empreendimento em fins de 1867.

O ENTUSIASMO CONSTROI

Saldanha Marinho expusera claramente a situação. A "São Paulo-Railway" desistira do direito preferencial de prosseguir a estrada até Campinas. Receava grandes prejuizos. Mas os fazendeiros confiavam na terra, no exito do empreendimento. Lá se encontravam os maiores capitalistas do tempo que se apressaram a assinar a subscrição de ações. O primeiro foi o barão de Itapetininga. Subcreveu mil ações de duzentos mil réis, importância fabulosa para a época. Disputaram, em seguida, a caneta para assinar seus nomes, o barão de Limeira, senador Sousa Queiroz, comendador Neto Forjaz, Gavião Peixoto, os Sousa Aranha, Amaraes, Aguiar de Barros e outros conhecidos lavradores, senhores de grandes glebas. 18.600 ações foram subscritas naquele dia no valor de 3.700 contos de réis. A libra ouro valia, então, 4.500 réis. Pedia-se, por favor, o pagamento em papel. Era desaforo fazer um emprestimo em ouro, obrigando, assim, o devedor a carregar pesado sacco de moedas.

A FAZENDA

A Fazenda Chapadão está encostada na cidade de Campinas. Um loteamento do seu terreno constituiu prospero e moderno bairro campineiro. A sede antiga fica mais distante. Consiste num grande sobrado com a caracteristica das construções da época — enorme quadrilátero cheio de janelas. Assim a conheceu o duque de Caxias quando ali pernouteou por ocasião do levante de 1842.

Até há bem pouco tempo existiam as trincheiras cavadas na época da insurreição de que participou o famoso

Regente Feijó, aprisionado, afinal, por Caxias.

Na velha sede, doze janelas se enfileiram ao lado do nascente, constituindo uma especie de depoimento sobre aquela remota opulencia rural desaparecida.

A senzala ficava distante, tendo sido aproveitada para depositos de alfaías e cereais. E hoje o antigo solar, com as vidraças substituídas por folhas de madeira, tem aspecto melancolico e função de celeiro.

Ao lado eleva-se um poste com uma cruzeta, para sustentar fios condutores de energia, servindo de contraste e com um ar de força em que foi executada toda uma época de opulencia mantida pela rubiacea, para sempre banida daquelas terras consideradas cansadas e impróprias para a velha e lucrativa lavoura.

Com a expulsão da baga sagrada entrou o milho que sustenta porcos.

Outros tempos, outras culturas, outros costumes. Dos velhos tempos restaram os velhos casarões.

Súditos britânicos condecorados

O Palácio de Buckingham publicou, na terça-feira, dia 1 de janeiro, as tradicionais Listas de Honras do Ano Novo, com as quais a Grã-Bretanha premia a pessoas e por relevantes serviços prestados à Coroa, ao Governo, à Fuzila e aos povos britânico e da Commonwealth Britânica de Nações. Entre as personalidades contemporâneas diversas que, por merecimento, estão ligadas aos assuntos internacionais.

Encabeça a lista distinguidas personalidades: a Rainha Elizabeth, o erce-duque no Rio de Janeiro, Wallinger, K. C. I. decorado com a Ordem do Império.

Veterano do Reino Unido educado em Shrewsbury, Cambridge, "Office" (Ministério das Relações Exteriores da Grã-Bretanha) nomeado terceiro vice-chefe para Viena em 1935, em seguida, em 1936, de Estado, Príncipe de Nações Unidas como assistente alto-comissário da cidade do Cairo, secretário-geral, viu sucessivamente na Secção de 1943, tendo sido nomeado chefe de gabinete, em 1944, cargo de primeiro ministro. Ainda em 1944, promovido a primeiro ministro.

Chapadão